

É DIFÍCIL – Fragmento do conto de Sándor Jászberényi

Traduzido do húngaro por Ferenc Pál

A cocaína deu-me azia. Decidi sair. Ao pé da escada de veludo vermelho, vi Sarah a beijar um porto-riquenho. Ao passar por ela agarrou-me; tive que me livrar dela. Desci as escadas do porão de dois em dois, ansioso por alcançar a luz.

Eram 3 da manhã em Nova York e estávamos num teatro burlesco no Upper East Side. Na última apresentação um travesti cagou e arremessou para a plateia, que por sua vez ficou com tesão e deu início a uma sessão casual de sexo em grupo nas casas de banho do porão, especialmente adaptadas para o uso de drogas.

Assim que cheguei ao topo da escada, comecei a engasgar. Fiz uma pausa, dando o meu melhor para não vomitar.

Não foi ideia minha vir a este lugar. Nenhum dos dois tomava coca ou pagava 35 dólares por um refrigerante de vodca. Foi ideia da Sarah.

Ela mudou muito nos dez anos desde que eu a vi pela última vez. Na universidade, era uma morena modesta. Desde então, tornou-se uma viciada, psicopata, vulgar, solitária. Tomava antidepressivos e dexedrina ao pequeno almoço, coca ao almoço e Xanax ao jantar. No dia em que cheguei, disse-me que eu deveria casar imediatamente com ela em Las Vegas.

Morava na casa dela há três dias, mais parecia uma eternidade. Não tinha ideia de como sobreviver a mais três dias como aquele em Nova York: bombeado com drogas e terrificado. Nesse estágio, a ideia de vir aos Estados Unidos para o lançamento do meu livro – e fugir de uma batalha pela custódia dos filhos – não me parecia mais uma boa ideia.

O meu editor tinha-me convencido a vir aos Estados Unidos, passar alguns dias em Nova York, assinar alguns livros e depois seguir para oeste de Massachusetts. “O ar fresco da floresta vai limpar-lhe a cabeça”, disse ele. Do jeito que as coisas andavam, Nova York acabaria comigo primeiro.

A náusea finalmente passara e comecei a sentir-me um pouco melhor. Dirigi-me para a saída, passando pelo bar, empurrando os seguranças pretos de fato e abrindo a porta.

O vento frio do outono acariciava o meu rosto. Encostei-me à parede, procurei um cigarro nos bolsos e acendi-o.

Fui tirado dos meus pensamentos pela voz de um travesti. Ela era loira, com maquilhagem pesada e usava um vestido. Os seus lábios carnudos estavam cobertos por uma espessa camada de batom vermelho. Tirou um cigarro metendo-o na boquilha.

“Olá, Wonderboy. Tens lume? ” perguntou.

“Sim”, respondi, acendendo-lhe o cigarro.

“Não és americano.”

“Eu sou Húngaro.”

“Sinto muito.”

“Não é assim tão ruim.”

“Não te preocupes, um dia encontrarás o teu Príncipe Encantado também.”

“Ou a tua Princesa.”

“Sim, a tua Princesa. Com um pau grande e bonito. ”

Eu ri, ela sorriu.

“És incrível”, disse-lhe.

“Certo?”

“Certo.”

“Também és incrível. Obrigado pelo lume, Wonderboy. ”

Juntou-se aos seus amigos e eu voltei para dentro para encontrar Sarah. Vi-a a arrastar o porto-riquenho em direção à saída.

“Estamos a ir para casa”, disse ela com um sorriso torto, de narinas dilatadas e a fluir, com as pupilas que nem pontinhos. “Será que me podias fazer um favor e ires dar uma volta?”

“Claro,” disse eu.

Beijei-lhe a bochecha e segurei a porta aberta.

Na verdade, a ideia de passar a noite num banco em vez de na casa dela deixara-me feliz, porque significava que ela não enterraria impulsivamente a minha cabeça na sua cona assim que as luzes se apagassem. E não me mandaria sequer fazer café e massajar as costas pela manhã.

Acendi um cigarro e observei a sua silhueta unida a desfazer-se na esquina no final da rua. Então, parti na direção oposta.

Caminhei por cerca de vinte minutos antes de chegar a uma área semelhante a um parque com canteiros de flores e bancos acastanhados. Sentei-me, agarrei no telemóvel e comecei a ver os e-mails. Um era do meu advogado. Três dias antes, tinha escrito, que havia submetido os requerimentos aos serviços sociais para o processo de custódia dos filhos que eu havia iniciado. Também tinha ligado para a assistente social, que prometeu dar resposta numa semana.

Imaginemos que o processo estaria em andamento quando eu voltasse dos Estados Unidos e a minha ex finalmente teria que me deixar ver o meu filho. Eu simplesmente não conseguia entender o facto desta mulher ter recebido a custódia temporária, tendo em mente que ela já o havia sequestrado uma vez, sem mencionar que não tinha emprego nem apartamento.

Também não conseguia entender como o tribunal se havia esquecido de determinar o calendário de visitas.

Parei de ler os e-mails e meti o telemóvel no bolso. Inclinei-me para trás, olhando para o céu branco leitoso e ouvindo as sirenes da polícia uivando ao longe. Era ótimo não ter que ouvir as merdas da Sarah. Fechei o casaco; estava a arrefecer, mas tinha valido a pena.

Ouvi o click-clack de saltos altos, mas não prestei muita atenção até que eles se aproximaram.

“Wonderboy”, disse o dono dos saltos. “O que fazes aqui?”

“Acabei com a minha namorada,” disse-lhe, esfregando os olhos. O travesti sentou-se ao meu lado.

“Oh, coitadinho. Tenho a certeza que irás resolver as coisas. Há quanto tempo estão juntos?”

“Dois dias.”

“Não tenho tanta certeza então. Tens onde ficar? ”

“Vou para Williamstown em dois dias.”

“E até então?”

“Eu vou descobrir alguma coisa.”

Ela aproximou-se e deu-me uma boa mirada. Dá para sentir o teu perfume.

“Pareces bastante infeliz, sentado neste banco. Como te chamas? Eu sou Amanda, nascida e criada no Upper East Side. ” Ela estendeu a mão enluvada para um beijo.

“Daniel,” respondi, e beijei-lhe a sua mão. Não me ocorriam ideias melhores.

“Que me dirias se te convidasse para vir comigo, Daniel,

dormir na minha casa, a consolar-te com o melhor broche da tua vida?”

“Não quero ser rude, mas não gosto de paus.”

O seu rosto escureceu por um segundo, mas rapidamente se iluminou.

“E o que fazes em Nova York – quando não estás a ser fascista?”

“Estou a fazer um tour pelo livro.”

“Uau, um escritor!” ela bateu palmas de empolgação.

“Eu não iria tão longe.”

“Vem, vamos.”

“Não quero dormir contigo. Sinto muito.”

“Não te preocupes, não precisas. O meu amante é muito mais quente do que tu de qualquer maneira. ”

Ela levantou-se e começou a andar.

“Então, vens?” disse ela, a olhar para mim.

Eu olhei para ela de alto a baixo. Não pesaria mais de 110 libras. Juntei-me a ela.

SÁNDOR JÁSZBERÉNYI , escritor e correspondente estrangeiro, é autor da coleção de contos *A lélek legszebb éjszakája* (‘A Mais Bela Noite da Alma’) que ganhou o Prémio Libri da Hungria. Publicado em tradução inglesa em 2019 como *A mais bela noite da alma: mais histórias do Oriente Médio e além* (New Europe Books, EUA; a ser lançado pela Speaking Tiger Books, Índia), e foi elogiada pelo *Library Journal* como segue: “Jászberényi . . . escreve com bela ferocidade sobre o

que viu e como viveu o seu trabalho. ”

Como correspondente, Jászberényi mora principalmente no Cairo, de onde cobriu o Oriente Médio e a África para o serviço de notícias online da Hungria e contribuiu com reportagens para o New York Times e o Egypt Independent. Ele viu de perto as revoluções no Egito e na Líbia, a Guerra de Gaza, a crise de Darfur e o conflito com o Estado Islâmico. Ele também relatou sobre a guerra na Ucrânia.